

ESCALADA, UMA ASCENSÃO À TRANSCENDÊNCIA

Dimitri Wuo Pereira

Vilma Leni Nista Piccolo

Resumo: Compreender a transcendência de um escalador em seu momento na verticalidade é assunto delicado, pois tanto quanto um escorregão pode levá-lo ao abismo, um descuido na interpretação pode levar a conclusões simplistas. Esse estudo procura na complexidade do fenômeno desvelar o conhecimento adquirido na escalada, os problemas que ela suscita a auto-organização gerada pela prática e as razões para continuar ascendendo. A literatura a respeito articulada das ideias de Edgar Morin foram as ferramentas utilizadas para escalar esse caminho íngreme rumo ao aprendizado que a escalada pode trazer ao ser humano.

Palavras chave: escalada, complexidade, conhecimento.

CLIMBING, A RISE TO TRANSCENDENCE

Abstract: *Understanding the transcendence of a climber in his time in the vertically is tricky, because as much as one slip can take you into the abyss, an oversight in the interpretation can lead to simplistic conclusion. This study seeks to unravel the complexity of the phenomenon the knowledge gained on the climb, the problems it raises, the self-organization generated by the practice and the reasons to keep rising. The literature on articulated the ideas of Edgar Morin were the tools used to climbing the step path towards learning that the climb can bring to humans*

Key words: *climbing, complexity, knowledge*

INTRODUÇÃO

Uma aventura constitui-se de uma busca pelo desconhecido, uma expedição, uma descoberta de lugares não antes explorados, apontando para a emoção de se enfrentar as incertezas.

As modalidades esportivas de aventura expandiram-se recentemente com o advento dos equipamentos sofisticados e do incremento da segurança. Além disso, o lazer e o turismo possibilitaram atingir ambientes inóspitos e belos com mais facilidade. Dentre essas atividades, a escalada praticada desde o século XVII incorporou-se ao modelo de sociedade baseado no capital, na tecnologia e no desempenho (DIAS, 2004).

Esse ensaio mergulha, ou melhor, ascende à verticalidade da escalada, procurando desvendar os motivos que levam as pessoas a essa prática arriscada e arrojada. Utiliza-se do pensamento complexo de Edgar Morin para desvelar aspectos da prática dessa modalidade esportiva.

ESCALANDO PARA CONHECER

O surgimento da escalada teve como marco histórico a conquista do *Mont Blanc*, com seus 4800 metros de altitude, patrocinada pelo naturalista suíço Horace Benedict (PEREIRA, 2007). A ascensão indicava um impulso dominador europeu sobre os outros povos, tanto pelo aspecto científico quanto social. A escalada, como outras práticas esportivas, fez parte desse processo e trouxe consigo os paradigmas daqueles tempos.

Essas primeiras conquistas também continham motivações políticas e militares, afinal chegar ao topo representava dominar os que estavam abaixo. Porém, não se podia prever, que quanto mais o homem conhecia o planeta, e se isolava nas alturas, mais próximo estava de si mesmo, principalmente de suas fraquezas orgânicas e psíquicas. Para Melo (2006), a busca por escalar montanhas é uma tentativa de entrar em contato com seu próprio interior.

Quando escalavam no ar rarefeito os desbravadores aprendiam a sobreviver em condições adversas, consumiam energia para sobreviver, ao mesmo tempo em que precisavam economizar sua energia para ter calor. Essas trocas aconteciam num meio inóspito, com pouco oxigênio e muita troca de calor. Tal qual o planeta recebe energia do sol, trocando calor com o ambiente e produzindo calor para manter-se vivo, nosso corpo também se auto – eco – produz, como diria Morin (2005b), quando demonstra que os sistemas se auto – organizam em função das relações entre os diversos elementos, criando novas propriedades que os tornam mais aptos a sobrevivência.

Cada célula do organismo representa a vida, mas nossas intenções e desejos podem nos levar à morte, se permanecermos por muito tempo na chamada “Zona da Morte”, que é a região acima dos 7000 metros de altitude (MAGALHÃES *et al.*, 2002).

Somos seres biofísicos, mas estamos alicerçados em nossa condição social e cultural. Talvez esse seja um motivo pelo qual nenhum outro ser vivo chegue ao topo dessas montanhas.

O Homem é o único ser vivo nativo das regiões ao nível do mar que se expõe, propositadamente e por outras razões que não as de sobrevivência, aos rigores e à adversidade dos ambientes hipóxicos característicos das regiões montanhosas de elevada altitude (MAGALHÃES e col., 2002:82).

As forças que movem um escalador ao topo são: a condição biofísica da potente máquina corporal, termo usado por Morin (2005b) e a vontade da mente de transcender. Compreender essa forma organizacional humano - natureza é partir dos princípios da termogênese, na qual o calor é a energia que exerce pressão e conseqüentemente movimenta os corpos. Soma-se a esse fator a interação entre os corpos gerando novas energias e produzindo alterações no próprio corpo e no ambiente, aqui está um princípio denominado por Morin (2005a) de recursivo.

As determinações/imposições vão se precisar e se multiplicar com a materialização, onde se fixam as possibilidades de interação entre partículas, que vão formar a base dos processos físicos, entre eles os de organização. A partir daí, se estende, através de interações, o jogo



A completude desse jogo acontece pelas interações entre os elementos do sistema, ou seja, no nível da micro organização (átomos, partículas, organismos vivos, seres humanos, comunidades) ou no nível da macro organização (estados, empresas, geologia planetária, estrelas) (MORIN, 2005a). O ser humano, como composto e compositor desse sistema, tem, em sua interação com o mundo, a possibilidade de auto-organização.

Enfim, esse princípio pode ser encontrado na escalada, quando observamos atentamente as interações que ocorrem desde os níveis celulares de adaptação dos seres vivos ao meio ambiente da escalada, ou ainda no macro ambiente, onde acontecem as transformações rochosas que formam as montanhas. As interações entre os níveis micro e macro dos sistemas podem alterar cada elemento do sistema e o sistema em si.

ESCALADA COMO PROBLEMA

O medo de cair gera frustrações e decepções ao escalador, encontrar um meio seguro de se chegar ao fim, torna-se essencial. A queda é um sinal de perigo factual que pode gerar danos. Ela é evitada a todo custo pelo potencial de morte e pelo sentimento de impotência.

As quedas podem ser evitadas com a criação de um plano mental elaborado logisticamente tanto para uma tentativa ao Everest como para uma movimentação em *boulder*, que é uma escalada de cerca de 5 metros, com uso de colchões para segurança.

Em ambos os casos há um grau de incerteza, cujos fatores podem ser: previsão do tempo, instabilidade da rocha, organização dos equipamentos de segurança, escolha dos parceiros, condição física, habilidades, avaliação das capacidades dos praticantes, entre outros. Soma-se a isso a efetividade de se colocar o plano em prática por conta da: mudança do clima, falha de equipamento, inabilidade, descuido, ou desgaste do organismo.

Aqui se apresenta um problema na escalada, chegar ao topo em segurança é o que Morin (2000b) denomina “ecologia da ação”, ou seja, o escalador deve subir, com arrojo no enfrentamento do medo, e, também com precaução para não se expor demasiado e morrer.

A ideia de escalar como um problema a ser resolvido corporalmente na interação do ser humano com o ambiente vertical foi primeiramente denominada por John Gill, matemático e criador da escalada de *boulder*, que se aprofundou ao máximo nessa questão. Ele preferia escalar blocos de rocha com menor altura, para concentrar-se no modo como conseguiria chegar ao final sem cair, usando sua força física, sua concentração e sua estratégia de movimentação (PEREIRA e ARMBRUST, 2007).

As escolhas mentais que se fazem antes de iniciar a ação são aperfeiçoadas com a experiência e com a aprendizagem, mas isso não garante o sucesso. O corpo em ação no ambiente pode falhar e o fracasso envolve emoções que afetam as escolhas. Assim, o plano de respostas depende da organização cognitiva, dos ajustes motores durante a execução, dos aspectos emocionais (lidar com o medo) e sociais (dar segurança a um companheiro), necessitando desenvolver várias inteligências, como afirma Souza (2001).

O desafio exige do praticante a descoberta de como usar cada ponto de apoio. Durante a subida avaliam-se as escolhas e planejam-se futuras situações. O sistema de

ação, retroalimentação e ação, deve permanecer aberto para ajustes o tempo todo, pois não é possível prever exatamente qual a intensidade de força que se aplicará em determinado ponto de apoio, sem estar nele. Morin (2005a) chama esse processo de programação. Mas o próprio autor afirma que manter um sistema sempre aberto é um risco, por desprezar um conhecimento já adquirido.

Acreditar num caminho possível é tão importante quanto fazer ajustes, e seguir para o desafio depende de se fazer uma autocrítica da própria racionalidade (MORIN, 2000a).

A capacidade de perceber as agarras, reentrâncias e saliências, às quais nos seguramos, é testada quando tateamos, e, assim criamos modelos de pensamento para os lances seguintes. A tomada de decisão, nesse caso, depende da percepção, sensação, intuição e razão.

Esse processo, não sujeito à racionalização, isto é, a crença na razão como verdade absoluta (MORIN, 2000a), permite respostas que libertam o corpo ao movimento. Souza (2001) conclui que a necessidade de resolver problemas na escalada se dá com predominância corporal. Isso não significa que outras manifestações de inteligência não participem, mas que essa inteligência corporal produz resultados confiáveis. A inteligência corporal se mostra como uma via efetiva para um de sucesso.

A “ecologia da ação” é exatamente a utilização de formas de acesso variadas, integradas e contraditórias para resolver problemas. Nessa forma de ação, o indivíduo não está sozinho, o próprio meio é uma ferramenta para atingir os objetivos desejados, mas as soluções podem vir também das relações com outros escaladores, isto é, os “betas”, ou informações que favorecem as escolhas e determinações de novos planos de ação. Portanto, é necessário conhecer mais sobre as relações na escalada e entre os escaladores.

ESCALADA E ORGANIZAÇÃO

Uma via de escalada é um caminho ou rota de subida. Ela contém todos os pontos de apoio, agarras, ou superfícies de sustentação do trajeto. Ela existe na mente do escalador, que imagina a melhor estratégia para atingir o topo, concretiza-se nos movimentos realizados para subir e é composta pela reunião de cada apoio, ou proteção do percurso.

Essa é uma ideia hologramática, isto é, permite compreender a totalidade na unidade e a unidade na totalidade, pois um único ponto de um holograma contém quase toda a informação da imagem tridimensional projetada. Da mesma forma que uma célula contém quase todo o patrimônio genético do indivíduo, e o indivíduo quase toda a cultura de uma sociedade (MORIN, 2005a). Da mesma forma cada parte da via (agarra, proteção, escalador, companheiro, decisões etc), é um ponto do holograma, que quando reunido pode gerar uma ascensão.

Uma escalada em rocha virgem, isto é, ainda não escalada por ninguém, prevê que alguém tenha conquistado essa via. O conquistador cria um acesso colocando proteções no percurso para aumentar a segurança. A determinação dos pontos de proteção será crucial para que outros escaladores possam repetir essa via em segurança (PEREIRA, 2007).

A distância entre os pontos de proteção, o tipo de proteção, a dureza da rocha, a inclinação da parede, a técnica de proteção, os equipamentos escolhidos, entre outros aspectos influenciam diretamente na conquista dessa via. A determinação de onde e como proteger depende também da experiência do praticante, sua habilidade, sua condição física e sua decisão sobre a quantidade de risco e dificuldade que pretende impor nessa escalada.

Mas o tipo de proteção usada, mesmo que seja um equipamento de alta sofisticação, pode ter suas qualidades reprimidas pela falta de habilidade em usá-los, pela fragilidade físico-química da rocha, ou pelo desgaste natural de uso. Mesmo treinado, um escalador pode descobrir que sua condição física é insuficiente para uma inclinação específica da rocha, sua capacidade inicial pode não ser a ideal. Ou então, numa via em que se pretende um nível de dificuldade intermediário, descobre-se que as proteções estão distantes umas das outras. Apesar da dificuldade técnica não ser tão elevada, no geral, a via acaba com alto nível de exposição ao risco de quedas.

Para escalar é preciso conhecer cada parte da via e conceber a conexão entre as partes. A divisão do conhecimento em partes, com a intenção de conhecer um objeto, criou a hiperespecialização do saber. Por outro lado, a crença no saber geral sobrepondo-se às partes, a ideia de holismo, também pode gerar uma pedra fundamental do conhecimento (MORIN, 2000a). A dialética está em articular essas oposições. Polarizar para o todo ou para as partes, cria uma nova dicotomia. Para Pascal (citado por MORIN, 2005a: 158), “Eu acredito ser impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”.

Quando se escala, pode-se perceber que alguma agarra, que se acreditava fácil de segurar, na verdade é bem mais difícil do que se imaginava, isto é, a percepção subdimensionou o valor do elemento, ou então a agarra, que estava firme se quebra ao agarrá-la. Para Morin (2005a), isso significa reprimir que o elemento perdeu qualidades durante a interação com o mesmo. Ou então, acredita-se que um determinado lance da escalada é mais difícil, ou arriscado que os demais, e durante a tentativa se descobre que não era assim tão complicado, talvez pela capacidade do escalador de resolver a situação. Nesse caso Morin (2005a) chama de emergência, isto é, uma interação que proporcionou novas qualidades ao todo. As interações entre as partes de uma via podem gerar emergências ou imposições tornando a soma das partes maior ou menor do que a via toda, respectivamente.

Numa via em paredes construída, as propriedades das agarras artificiais (forma, textura e tamanho) são qualidades fixas das mesmas. Porém, quando uma agarra é colocada na parede, ocorre interação com as outras agarras e com a própria parede, gerando novas propriedades na agarra e conseqüentemente na via. Nesse processo, as distâncias entre as agarras, a inclinação da parede e a posição em que são colocadas são emergências do sistema que podem ampliar, ou inibir as propriedades de cada agarra e da via.

Uma agarra fácil de segurar pode se tornar difícil dependendo da distância em que se encontra da seguinte, ou então da posição que é fixada na parede. Dependendo da inclinação da parede, essa mesma agarra pode ainda adquirir novas qualidades, isto é, quanto mais inclinada a superfície mais difícil será segurá-la. Aqui a interação da agarra com o meio inibe suas qualidades. Propriedades e qualidades das agarras podem ser perdidas ou acrescidas de acordo com as situações e ações que lhes são exigidas.

Morin (2005a) demonstra que todo sistema comporta emergências, isto é, qualidades gerais com alguma novidade em relação às qualidades de cada um de seus componentes isoladamente. Isto permite conceber o todo maior do que a soma das partes. Porém, o inverso pode ser verdadeiro, quando num sistema há alguma inibição das qualidades de seus componentes ou, simplesmente, há perdas de qualidade no meio do sistema.

Todos esses elementos ainda dependem de serem colocados em cadeia. O encadeamento de agarras exige mais uma habilidade: identificar a forma de se realizar os movimentos, dependendo das emergências que as agarras conquistam ou das imposições que as agarras sofrem como uma totalidade. O único modo de se resolver

esse problema é concebendo as ligações entre elas. Isso é o que Morin (2005a) considera complexidade do latim *complexus*, o que está tecido junto.

Mas mesmo que se compreenda a complexidade da escalada, porque alguém arriscaria sua vida por uma ascensão?

RAZÕES PARA CONTINUAR SUBINDO

Para a maioria das pessoas, subir em penhascos pendurado em cordas, ou enfrentar avalanches não faz sentido.

Nas escaladas em grandes monólitos rochosos no vale do *Yosemite*, na Califórnia, EUA, houve a difusão de conquistas com alto grau de dificuldade e, com o surgimento de novos equipamentos e técnicas, nasceu o *Big Wall* (LONG, 1993). Esse período coincidiu com o movimento hippie que pregava a paz, a expressividade e a simplicidade, contestando os valores sociais. O isolamento de rochas era o palco para a realização do sonho de liberdade daquelas pessoas. Para os escaladores de *Big Wall*, a liberdade era um motivo que valia a pena o risco.

Todavia, não se pode dissociar a contradição entre liberdade e poder, pois esse período coincide com uma corrida às alturas culminando com a busca por feitos heroicos. O norte americano Dick Bass iniciou um projeto de subir ao ponto mais alto de cada um dos sete continentes (DIAS, 2007). E a maior lenda do esporte, Reinhold Messner, escalou primeiro todas as montanhas com mais de 8000 mil metros e foi ao topo do Everest em 1978 sem usar oxigênio suplementar. Essa competição é uma motivação antagônica ao espírito livre de muitos escaladores, mas não pode ser desprezada na história das escaladas.

No Brasil, também participamos desse processo. Waldemar Niclevics e Mozart Catão chegaram ao topo do Everest em 1995 sendo os primeiros brasileiros no topo do mundo. As trajetórias deles foram distintas. Mozart morreu na face sul do Aconcágua, vítima de uma avalanche. Isso instigou dois outros brasileiros a chegarem, em 2004, por esse mesmo caminho, Rodrigo Raineri e Vitor Negreti (GASQUES, 2002).

Devido à proeza, estes se lançaram a um novo desafio, subir o Everest sem uso de oxigênio. Em 2006, Vitor chegou ao cume sem essa ajuda, mas morreu na descida por causa do frio e dos efeitos da altitude. Chegar ao topo do Everest torna um escalador conhecido pela mídia. Pode-se perceber que além de motivações intrínsecas, há também

as forças externas que exercem seu poder, dando prestígio, fama, dinheiro e visibilidade às pessoas, mas cobrando um alto preço, a vida.

Para Fernandez (2004) isso demonstra um paralelo entre o montanhismo e o conceito de mundo moderno, pois a possibilidade de medir os feitos em termos de superação das dificuldades é algo inerente ao conceito de esporte. Competição e cooperação podem ser interligadas e o escalador convive com ambas.

Com o surgimento de paredes artificiais no fim do século XX na Ucrânia, cristalizou-se a relação da escalada como esporte, pois foi possível realizar campeonatos. Neles, há facilidade em criar regras, estabelecer marcas e controlar o ambiente, apontando para um processo civilizatório da prática. A escalada seguiu o rumo do espetáculo e o domínio dos meios de comunicação de massa como qualquer atividade do mundo do esporte.

Há aqui, uma contraposição entre o espírito competitivo e a escalada como lazer, cujo objetivo é a diversão, a liberdade e o prazer, como aponta Marinho (2001). Pode-se escalar apenas para tirar as tensões, brincar com amigos, ou ainda para aprender novas possibilidades de movimentos, sem maiores compromissos. Mas o espírito da disputa pode acompanhar mesmo as intenções mais despretensiosas, apontando para as oposições geradoras da própria organização viva, como afirma Morin (2005b).

A noção de ecologia em Morin, como sistema auto - eco - organizado, não é um paraíso. Pelo contrário, as oposições têm uma necessidade existencial de parasitismo e simbiose.

Começamos, logo, a compreender que a eco-organização constrói-se e mantém-se não somente na e pela associação e cooperação, mas também nas e pelas lutas, devorações e predações, as quais, sem deixar de ser destruidoras, são também, sob outra face, co-geradoras de uma grande complementaridade (MORIN, 2005b: 41- 42).

Em algumas situações, a escalada pode promover a união desses antagonismos. O prazer de se escalar em rocha não se dissocia do desejo de se chegar ao topo. Quando se está apenas diminuindo o *stress* numa escalada na natureza, são mantidos objetivos intrínsecos de cada escalador com relação ao seu desempenho. Além disso, os objetivos da prática, mesmo em situações de competição, são estabelecidos pelo indivíduo e não apenas pelas regras do campeonato (PEREIRA e ARMBRUST, 2007).

Alguns autores apelam para a racionalização, especialização e autocontrole como forma de dominação dos riscos para vencer as dificuldades na escalada (ATTARIAN, 2004). Outros preferem buscar explicações no sagrado e no mito, como

explica Costa (2000) ao afirmar que o processo de sacralização das montanhas é uma chance que o escalador tem de ascender a uma condição espiritual mais elevada, próxima do divino. Brito (2008) aponta para uma vida que incorpora dimensões simbólicas do ambiente vertical, e, vai além, quando une o bem e mal na montanha, um lugar sagrado e também um palco de tragédias humanas, dando vida à montanha, como na mitologia.

Melo (2006) explica que os mitos sobre o divino fazem parte do imaginário dos escaladores. Para ele, a busca pelo sagrado passa pelas situações de risco que levam à fruição. Longe de apresentar a prática como um afã irresponsável pelo perigo, ele demonstra que esse caminho é percorrido com uma preocupação do escalador em preservar a vida.

As vivências da escalada tornam a vida distinta do cotidiano de outras pessoas e a possibilidade de confronto real com a morte é um estímulo poderoso na busca de um significado à existência (PEREIRA e FELIX, 2004).

Um exemplo dessa relação vertical pode ser apreciado na experiência narrada após a conquista do Annapurna:

Estamos no Annapurna. 8075 metros. Nosso coração transborda de imensa alegria. [...] O topo é uma crista de gelo em forma de cornija. Os precipícios do outro lado são insondáveis, aterradores. Mergulham verticalmente sob nossos pés. Não há equivalentes em nenhuma outra montanha do mundo. A missão está cumprida. Como a vida será bela agora! É inacreditável alguém que, abruptamente, realiza seu ideal e se realiza a si mesmo. Sou todo emoção. Nunca senti alegria tão grande nem tão pura. Esta aresta de gelo será o objetivo de toda uma vida? (HERZOG, 2001: 250).

Porém, nas trajetórias voltadas à altura, descobre-se a contraposição da glória com a tragédia, o desastre e a morte, acompanhando de perto a virtude. As antinomias do vencer e perder, viver e morrer, sorrir e sofrer, alcançar e desistir estão em paralelo e não se separam.

Morin (2005a: 99) afirma que “desordem e ordem nascem quase juntas: desde os primeiros momentos do universo, desde a nuvem, aparecem as primeiras imposições. O ‘único real’ é a conjunção da ordem e da desordem”. A auto-organização, por sua vez, aparece exatamente pela metamorfose ocasionada pela catástrofe, isto é, a desordem gera tamanho calor e caos que possibilita o aparecimento de emergências capazes de levar à nova organização. A adrenalina que se eleva em nosso organismo quando em situação de perigo, é o furor dessa organização.

Talvez, Joe Simpson tenha sido a pessoa que melhor pôde explicar esse sentido antagônico dos sentimentos do escalador sobre sua atividade. Escalando com o amigo Simon Yates no Peru, eles tiveram uma situação difícil durante a descida. Simpson sofreu uma queda e quebrou a perna. Descer nessa condição é considerar probabilidades mínimas de sobrevivência. Eles se moviam lentamente no gelo e o clima piorava a situação. Num esforço fenomenal, Yates deslizava Simpson pelos 50 metros com uma corda montanha abaixo (SIMPSON, 2004).

Num determinado momento, Simpson caiu num penhasco e Yates, segurando-o pela corda, teve que escolher entre cortá-la, deixando-o cair, ou ser arrastado por Simpson ao abismo. Enviou o companheiro à morte e seguiu buscando sua salvação. Simpson, de repente, sentiu seu corpo voando:

Como algo que retorna a vida, a corda chicoteou violentamente contra meu rosto e caí silenciosamente, infinitamente, em direção ao vazio, como se estivesse sonhando que caía. Rápido, mais rápido que o pensamento, e meu estômago protestou contra a velocidade da queda. Enquanto eu caía, acima de mim eu me via voar e não sentia nada. Sem medo nem pensamentos. Então é isso! (SIMPSON, 2004: 102).

O incrível é que ele caiu numa fenda no gelo, mas não morreu. Contra todas as previsões, sem comida, nem água, ferido, perdido e sozinho, conseguiu sair do buraco, rastejar por quilômetros, encontrar o acampamento, e, gritar para que, na escuridão, Yates o achasse caído e quase morto.

A corda é o fio tênue que pode manter o escalador vivo. Cortá-la, significava eliminar a possibilidade de Simpson manter sua existência, mas a chance de Yates continuar com a própria. Apesar de a história mostrar que é possível sobreviver independente da presença do outro, a sensação do escalador é da responsabilidade pela vida, o que leva a alteridade. Os princípios antagônicos do eu e do outro convivem em tensão contínua e a corda é o elo de união entre eles. Com ela, é possível, acreditar no distanciamento da vida sem perdê-la. Ela é a objetividade que precisamos para sentir segurança, mas a decisão subjetiva, nesse caso, permitiu ambos sobreviverem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o ser humano sai de seu lugar de conforto e se aventura a subir, estabelece uma relação única com as paredes e montanhas, e, seu momento é tão intenso que deixa marcas profundas em si. Arriscando-se rumo ao inesperado, o escalador

aproxima-se da morte, retornando com uma grande experiência interior, reconhecendo o valor da vida. Nessa hora percebe a existência, pois entre a vida e a morte existe o instante em que se está escalando. Só o momento em que o escalador avista tanto horizonte quanto os olhos permitem é que faz sentido.

Quanto mais improvável a situação e maior o esforço exigido, tanto mais doce é o sangue que nos flui depois, libertando toda a tensão. A perspectiva do perigo serve apenas para aguçar o controle e a atenção. E talvez seja esse o motivo racional por trás de todo esporte de risco: você eleva deliberadamente o grau de esforço e concentração, com o objetivo, de limpar a mente das trivialidades. Trata-se da vida em pequena escala, mas com uma diferença fundamental: ao contrário da vida rotineira, na qual em geral é possível corrigir os erros e chegar a algum tipo de acordo que satisfaça todas as partes, nossas ações, mesmo que por momentos brevíssimos, têm consequências seríssimas. (ALVAREZ *apud* KRAKAUER, 1997: 79)

Nessa prática esportiva, o corpo é vivido na sua totalidade e pode trazer recompensas que são valorizadas como justas, mesmo com os riscos inerentes. O prazer vem junto aos riscos na ascensão.

A complexidade da escalada se conclui pela ligação entre o ser biológico, na descoberta de seu potencial; com o ser psicológico na intencionalidade de suas ações; com o ser social na relação com os demais e com o ser eco no pertencimento ao planeta. Talvez essa seja uma forma de compreender a tal corporeidade do ser humano vivida na vertical.

A auto-organização do ser é o momento vivido com o ambiente vertical e com a via de acesso a ele. A existência do ser em movimento na via, rumo ao topo, é a corporeidade que se expressa na sua intencionalidade. Se a corporeidade é (MOREIRA, 2006), então a escalada é a corporeidade vivida na vertical. Nesse conflito entre vida e morte encontra o escalador motivos que dão sentido à sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTARIAN, A. Rock climbers self-perceptions of first AID, safety, and rescue skills. **Wilderness and Environmental Medicine**. v. 13, n. 4, p. 238–244, dez 2002.

BRITO, A. G. As montanhas e suas representações: buscando significados à luz da relação homem – natureza. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. V. 8, n. 1, 1º sem. 2008.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha**. Um mergulho ao imaginário. 1º ed. São Paulo: Manole, 2000.

DIAS, C. A. G.; Esporte na Natureza e Educação Física Escolar, In: Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, VIII. **Anais...** Niterói, RJ: UFF/GEF, 2004. P.215 – 218.

DIAS, C. A. G. Convergências, divergências e intersecções: diálogos sobre montanhismo. **Esporte e Sociedade**. Ano 2, n.6, jul./out. 2007.

FERNANDEZ, M. G. *Montanismo e cambio social. Elementos para um programa de investigacion em sociologia del deporte. Ciências aplicadas a La actividad física y El deporte*. Barcelona, n. 77, 3º trim, (12–17) 2004.

GASQUES, M. V. **Montanha em fúria: aventura e drama no Cerro Aconcágua, o maior pico das Américas**. São Paulo: Globo, 2002.

HERZOG, M. **Annapurna. O primeiro cume com mais de 8 mil metros conquistado pelo homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KRAKAUER, J. **No ar rarefeito**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LONG, J. **How to rock climb**. Chockstone Press. Evergreen, Colorado, 1993.

MAGALHÃES, J.; DUARTE, J.; ASCENSÃO, A.; OLIVEIRA, J.; SOARES, J. O desafio da altitude. Uma perspectiva fisiológica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. V. 2, n. 4 (81-91), 2002.

MARINHO, A. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – Educação Física. Campinas – SP: 2001 (138p).

MELO, R. S. de. **Os jogos das paixões ordinárias nas emoções ascensionais – o imaginário social dos escaladores**. Tese (Doutorado) Curso de Educação Física, UGF – RJ, 2006.

MOREIRA, W. W. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, Wagner Wey. **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MORIN, E. **O Método 1. A natureza da natureza**. Tradução: HEINEBERG, I. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2005a.

_____ **O Método 2. A vida da vida**. Tradução: LOBO, M. Porto Alegre: Sulina, 3ª ed. 2005b.

_____ **A inteligência da complexidade**. Edgar Morin e Jean Louis Lê Moigne. Tradução: FALCI, N. M. São Paulo, Peirópolis, 2000a.

_____ **A Cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.

PEREIRA, D. W; ARMBRUST, I. Escalada Escolar uma nova forma de competir. In: 2º Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura. UNIVALE, Governador Valadares, **Anais...** M. G., 5 a 7 de julho de 2007.

PEREIRA, D. W. **Escalada**. São Paulo: Odysseus Editora, 2007. Coleção Agôn, o espírito do esporte.

PEREIRA, A. L; FELIX, M. A experiência do risco no alpinismo. Anais: V Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação. Universidade do Minho, Braga - PO, **Anais...** 12-15 mai 2004.

SIMPSON, J. **Tocando o vazio. A história real da miraculosa sobrevivência de um homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, M. T. **A Inteligência Corporal** – cinestésica como manifestação da inteligência humana no comportamento de crianças. 2001. Tese de Doutorado em Educação Física - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Contatos dos Autores:

dimitri@rumoaventura.com.br

prof.vilmanista@usjt.br

Data de Submissão:

07/09/2011

Data de Aprovação:

02/11/2011